

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Pedagogia

ROBERTA MARIANA BARBOSA

**TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA
AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA, EM ALUNOS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Bragança Paulista

2020

ROBERTA MARIANA BARBOSA - R.A. 001201705007

**TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA
AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA, EM ALUNOS DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada à Banca Examinadora do curso de
Pedagogia da Universidade São Francisco,
campus Bragança Paulista, sob orientação da
Profa. Dra. Luzia Batista de Oliveira Silva.

Bragança Paulista
2020

A Deus que se fez presente durante toda a elaboração deste trabalho. Sem Ele nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Miriam e Roberto por todo o amor, carinho, afeto, zelo, cuidado e todo o esforço investido em minha formação. Obrigada por sempre estarem presentes em minha vida como meus maiores incentivadores das realizações dos meus sonhos.

Aos meus irmãos Aline, Paloma, Henrique e Mariana, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado me dando força nos momentos difíceis desta caminhada, sou muito grata a vocês pelo apoio que demonstraram ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Aos meus amados e queridos sobrinhos Arthur e Helena por todo amor e carinho, vocês são os dois motivos que fizeram esta minha jornada valer a pena e ser ainda mais especial.

Aos amigos e familiares por toda a ajuda e companheirismo, em especial as minhas amigas, Tamires, Talita e Alessandra, que sempre se fizeram presentes e que contribuíram com todo o apoio e sabedoria, me incentivando nos momentos mais difíceis da Universidade.

As professoras Lilian e Luzia, agradeço a vocês por terem aceitado serem minhas orientadoras e por me passarem os melhores ensinamentos, os quais me permitiram chegar até aqui. Obrigada por todos os conselhos, empenho, dedicação, por todo o suporte e pela paciência nos momentos difíceis desta caminhada.

A todos os amigos e pessoas queridas, minha mais sincera gratidão!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.
[Paulo Freire, **Pedagogia da autonomia**]

BARBOSA, Roberta Mariana. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita, em alunos dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2020. 43. p. Monografia (TCC) – Curso de Pedagogia, Bragança Paulista, 2020.

RESUMO

A monografia intitulada, *Transtornos e dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita, em alunos dos anos iniciais do ensino fundamental*, teve como **objeto de pesquisa** os principais fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem em crianças em fase de alfabetização; o **objetivo geral** foi analisar o papel do educador frente às principais dificuldades e distúrbios de aprendizagem relacionados aos processos da aquisição da leitura e da escrita, dos anos iniciais. Os **objetivos específicos** foram analisar as principais diferenças entre os termos “dificuldades de aprendizagem” e “distúrbios de aprendizagem” e, compreender como conhecer as características de cada um desses distúrbios, pode facilitar na diferenciação e identificação correta por parte do educador em sala de aula. Este estudo foi direcionado a partir da **justificativa** de que, atualmente, inúmeras crianças sofrem erros no que diz respeito à identificação das dificuldades que estão passando e acabam assim, recebendo um falso diagnóstico no se refere às dificuldades escolares e aos distúrbios que apresentam. O presente trabalho desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada em uma abordagem essencialmente qualitativa, pautada em artigos e livros com ênfase nos distúrbios e dificuldades de aprendizagem e na atuação do docente, no que se refere às possibilidades de atuação deste, junto aos alunos que apresentam tais dificuldades e transtornos. Os resultados obtidos deixam explícito que existem várias diferenças entre os termos supracitados. As dificuldades podem ter inúmeras causas, mas normalmente estão associadas a problemas relacionados ao ambiente familiar/cultural que a criança está inserida, ao emocional desta e as problemáticas educacionais, como métodos de ensino e atuação do educador inadequadas em sala de aula. Os distúrbios por outro lado estão relacionados ao cognitivo da criança, ou seja, aos fatores de ordem orgânica e aos processos neurológicos do educando, ao passo de que no material estudado são descritos como principais Distúrbios de Aprendizagem: a dislexia, disortografia, disgrafia, dislalia e a discalculia. Tanto as dificuldades como os distúrbios podem vir a afetar a aprendizagem da leitura e da escrita, contudo, o papel do educador é crucial na identificação da real situação que os alunos estão enfrentando. Portanto, o docente tem o papel primordial de reconhecer e identificar corretamente os sinais referentes aos distúrbios e dificuldades de aprendizagem que os alunos venham apresentar no ambiente escolar, para desta forma, desenvolver um trabalho pedagógico voltado à superação dos problemas e das necessidades de cada educando, podendo assim, quando necessário e frente a um possível diagnóstico de distúrbio, fazer o encaminhamento a um profissional especializado na área da deficiência que a criança eventualmente apresenta. É essa intervenção do educador dada aos alunos, que certamente irá auxiliar estes a desenvolverem processos de aprendizagem dentro de limites específicos, considerando que, a leitura e a escrita são instrumentos essenciais nesse processo.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, Distúrbios de aprendizagem, Diagnóstico, Pedagogo.

BARBOSA, Roberta Mariana. **Learning disorders and difficulties in the acquisition of reading and writing, in students of elementary school initial years**. 2020. 43. p. Monograph–Pedagogy Course, Bragança Paulista, 2020.

ABSTRACT

The undergraduate thesis entitled *Learning disorders and difficulties in the acquisition of reading and writing, in students of elementary school initial years*, had as its **object of research** the main factors responsible for the learning difficulties in children in literacy phase; the **general objective** was to analyze the role of the educator in face of the main learning difficulties and disorders related to the processes of acquisition of reading and writing in the early years. The **specific objectives** were to analyze the main differences between the terms "learning difficulties" and "learning disorders" and, understanding how knowing the characteristics of each of these disorders can facilitate the differentiation and correct identification by the educator in the classroom. This study was directed from the **justification** that, nowadays, innumerable children suffer from errors regarding to the identification of the difficulties that they are going through and end up thus, receiving a false diagnosis about the school difficulties and disorders they have. The present work was developed through a bibliographic research, based on an essentially qualitative approach, based on articles and books with an emphasis on learning disorders and difficulties and on the teacher's performance, regarding to the possibilities of acting with students who have such difficulties and disorders. The results obtained make it clear that there are several differences between the aforementioned terms. Difficulties can have many causes, but they are usually associated with problems related to the family / cultural environment in which the child is inserted, to the child's emotional and educational problems, such as inadequate teaching methods and educator performance in the classroom. Disorders, on the other hand, are related to the child's cognition, that is, to organic factors and the student's neurological processes, whereas in the studied material these are described as the main Learning Disorders: dyslexia, dysorthography, dysgraphia, dyslalia and dyscalculia. Both difficulties and disorders can affect the learning of reading and writing, however, the role of the educator is crucial to identify the real situation that students are facing. Therefore, the teacher has the primary role of recognizing and correctly identifying the signs referring to disorders and learning difficulties that students may present in the school environment, in order to develop pedagogical work aimed at overcoming the problems and needs of each student. thus, when necessary and in the face of a possible diagnosis of disorder, refer to a professional specialized in the area of disability that the child may present. It is this intervention of the educator given to the students, which will certainly help them developing learning processes within specific limits, considering that reading and writing are essential instruments in this process.

Keywords: Learning difficulties, Learning disorders, Diagnosis, Pedagogue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	13
2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA.....	16
2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM CONDICIONADAS PELA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	18
2.2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM CONDICIONADAS PELA SITUAÇÃO FAMILIAR.....	20
2.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM CONDICIONADAS PELAS CARACTERÍSTICAS DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA.....	22
3. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM OU DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM?.....	25
3.1 OS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA.....	27
3.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA IDENTIFICAÇÃO CORRETA DAS DIFICULDADES E DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXO.....	42

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, o ser humano criou diversas formas de registrar e comunicar as informações, uma vez que, segundo Luna e Silva (2013, p. 17) “na era pré-histórica já existia uma preocupação do homem primitivo em reproduzir mensagens e registrar conceitos originando o início de um sistema de representação”. Os primeiros registros proporcionaram uma nova maneira de viver, abrindo um caminho para inúmeras possibilidades de interações sociais. (LUNA; SILVA, 2013).

Entretanto, esses primeiros registros “muitas vezes, não transmitiam uma mensagem precisa para o discernimento da comunicação, o que resultou uma preocupação em relação ao aprimoramento da representação gráfica.” (LUNA; SILVA, 2013, p.17). Os códigos de escrita foram, portanto, se modificando ao longo dos tempos conforme os novos meios de escrita vinham surgindo.

Para os autores supracitados:

Os desenhos iniciais se sofisticaram até alcançar um sistema que envolvia elementos que correspondessem à fala, sendo um marco de herança cultural. Logo, deduziu-se a importância da comunicação estabelecida por meio de registros e os novos horizontes que esta expressão trouxe para a vida humana (LUNA; SILVA, 2013, p. 18).

De acordo com os autores, foi a partir do momento que o ser humano dominou a escrita que ele passou a expandir e aprimorar os seus conceitos e horizontes, tornando-se, desta forma, apto para registrar suas próprias informações e também compartilhá-las com o mundo à sua volta.

Para Barbosa (2002, p. 63) :

A escrita seria uma espécie de ferramenta externa, que estende a potencialidade do ser humano para fora do seu corpo: da mesma forma que ampliamos o alcance do braço com o uso de uma vara, com a escrita ampliamos nossa capacidade de registro, de memória e de comunicação.

A invenção desta unidade de escrita também fez surgir a necessidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações, dando início, assim, à alfabetização.

Na alfabetização, o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita é um processo de caráter social, que se dá a partir da construção do ser humano com relação ao meio em que está inserido, daí a importância da instituição escolar, visto que é nesta que a criança vai

desenvolver suas potencialidades e a capacidade de ler e escrever, ou seja, este será o enfoque durante os primeiros anos da vida escolar do educando.

Segundo Emília Ferreiro (2004), o desenvolvimento do processo de alfabetização acontece em torno do ambiente social ao qual a criança está inserida, entretanto, as práticas sociais e as informações que permeiam a nossa sociedade, acabam não sendo recebidas passivamente por estas. Segundo a autora:

Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget coloca no âmago de sua teoria (FERREIRO, 2004, p. 22).

Isto é, nota-se que a alfabetização cumpre um papel muito importante na vida social do indivíduo, pois de acordo com as ideias de Emília Ferreiro (1996), o que acontece nos primeiros anos da escola tem inúmeros reflexos na vida do indivíduo, não apenas na alfabetização em si, mas também em toda a confiança básica que o cerca ao longo de sua escolaridade e posteriormente. Desta forma, é importante que o educando consiga se desenvolver ao máximo, dentro de seus limites e capacidades.

O processo de alfabetização segundo Soares (2016, p. 12) :

É um suporte riquíssimo em que a criança é um sujeito ativo, porém existem as dificuldades de se alfabetizar. Muitas de nossas crianças não atingem o nível de desenvolvimento esperado, não adquirem as competências da leitura e da escrita no ano em que estão inseridas.

Ou seja, segundo a autora, no decorrer deste processo do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, as crianças podem começar a apresentar algumas dificuldades em relação à aquisição deste novo código (SOARES, 2016).

Segundo Silva (2014, p 12), “os problemas de aprendizagem podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar”. Essas dificuldades dizem respeito tanto a situações difíceis de serem enfrentadas pelas crianças, como também a transtornos específicos de aprendizagem, manifestados nas crianças com algum tipo de distúrbio (SILVA, 2014).

Entretanto, faz-se necessário diferenciarmos os termos "dificuldade escolar" e “distúrbio de aprendizagem”, pois no cenário atual, segundo Lara (2005), muitos alunos são identificados como portadores de necessidades específicas de aprendizagem, quando, por exemplo, não conseguem realizar o esperado perante uma determinada programação de ensino. Segundo Jesus (2008, p. 8):

Muitas crianças apresentam um rendimento na escola abaixo do esperado, porque são expostas a exigências para as quais ainda não estão preparadas ou a currículos que não respeitam diferenças ou ritmo próprio de aprendizagem. Em função disto, a criança pode tornar-se desinteressada, desatenta e inquieta.

Assim sendo é necessário que se mude o enfoque, quando uma criança não vai bem na escola. É preciso analisar todos os elementos que possam ser os causadores dos problemas de aprendizagem nos alunos como o ambiente físico, o social, a família que não participa da vida escolar do aluno, o educador e seus métodos de ensino (JESUS, 2008).

Partindo um pouco para o conceito do distúrbio de aprendizagem em si, segundo Semkiv e Silva (2013, p. 2):

Entende-se distúrbios de aprendizagem como um termo geral referindo-se a um grupo heterogêneo de transtornos evidenciados em dificuldades na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Tais dificuldades são observáveis como especificidades nos indivíduos, podendo decorrer de diversos fatores, ao longo de sua existência.

Ou seja, os distúrbios são considerados dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Isso porque, segundo Jesus (2008 p. 23), “são perturbações de origem biológica, neurológica, intelectual, psicológica ou educacional, encontradas em escolares, que podem tornar-se problemas para a aprendizagem dessas crianças”. São, ainda segundo a autora, problemas que têm início na infância, entre os 5 e 6 anos de idade e que podem se agravar progressivamente nas séries seguintes do ensino fundamental.

Cabe ressaltar que existe, ainda, outra grande diferença entre dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem. Isso porque as dificuldades de aprendizagem podem ser facilmente resolvidas, por exemplo, com a troca de métodos pedagógicos. Ou seja, a dificuldade está mais relacionada à questão de ordem psicopedagógica, em que o problema não está concentrado apenas no educando. Já o termo distúrbio, está mais vinculado ao aluno, na medida em que sugere a existência de comprometimentos neurológicos em funções corticais específicas (JESUS, 2008).

Para além da confusão que pode ser criada entre os dois conceitos, um dos grandes problemas, de acordo com Oliveira (2009 p. 20), é “o reconhecimento tardio da criança portadora de um distúrbio de aprendizagem”, seja por parte dos educadores por exemplo ou por parte da família, onde este ‘desconhecimento’ acaba fazendo com que, o problema se agrave”.

Segundo Lara (2005), cabe ao professor detectar as dificuldades específicas apresentadas pelo aluno e, investigar as reais causas destas, como os aspectos orgânicos, neurológicos, mentais e psicológicos. E ainda é preciso observar, no caso das dificuldades

escolares, todo o contexto em que a criança em questão vive fatores que acabam se tornando, muitas vezes, como já comentado pelos autores acima, agravantes nas causas de tais dificuldades.

É a partir desta postura do educador, do correto reconhecimento dos distúrbios e das dificuldades, que se irá facilitar “o encaminhamento da criança a um especialista se necessário, que têm condições de orientar o educador e a família” (LARA, 2005, p.18). Certamente isso contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

A partir destas considerações, o presente estudo tem como objetivo analisar o papel do professor perante as dificuldades de aprendizagem escolares e específicas, apresentadas por seus alunos em sala de aula, como este poderá fazer a identificação correta da situação em que seus alunos se encontram. Além disso, busca-se identificar os vários tipos de dificuldades e distúrbios de aprendizagens e as características destes.

Por fim, trata-se de uma pesquisa que se mostra importante para o educador alfabetizador para que este, ao se deparar com tais desafios em sala de aula, saiba quais medidas e intervenções são necessárias no processo de ensino de seus alunos, para abordar a aprendizagem de maneira adequada, e, assim, favorecer o desenvolvimento destes.

Para isto, o presente trabalho desenvolve-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, todavia, cabe esclarecer o que venha a ser esse método de pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2011) trata-se de uma busca e levantamento de todos os conteúdos já publicados em livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, revistas e periódicos, por exemplo, tendo como objetivo, “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto.” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 43-44)”

Os conceitos analisados e estudados nesta monografia são estruturados a partir da leitura de livros e artigos acerca da alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, com ênfase nos distúrbios e dificuldades dos alunos na aquisição da leitura e da escrita, diferenciando estes dois fenômenos. A abordagem de pesquisa será essencialmente qualitativa conferindo aprofundamento teórico às questões relacionadas à temática abordada, ou seja, segundo Godoy (1995), os fatos são observados, selecionados e em seguida analisados onde, o pesquisador tem o papel de trabalhar com a fidelidade dos fatos e dados obtidos, de uma forma indutiva.

O objeto de estudo desta pesquisa diz respeito aos principais fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem em crianças em fase de alfabetização; a problemática que direcionou esta pesquisa refere-se à questão: existem diferenças entre os termos dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem?; o objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel

do educador frente às principais dificuldades e distúrbios de aprendizagem, relacionados aos processos da aquisição da leitura e da escrita, dos alunos dos anos iniciais; os objetivos específicos estende-se a analisar as principais diferenças entre os termos “dificuldades de aprendizagem” e “distúrbios de aprendizagem” e, compreender como conhecer as características de cada um desses distúrbios, pode facilitar na diferenciação e identificação correta por parte do educador em sala de aula.

Na primeira parte da monografia, buscou-se compreender como o processo da aquisição da leitura e da escrita ocorre em crianças em fase de alfabetização e como este processo de aprendizagem, cumpre um papel de extrema importância para a vida dos educandos. Analisa-se também, como o educador deve mediar estes primeiros contatos da criança com a escrita.

Na segunda parte da monografia, são investigadas as dificuldades de aprendizagem mais comuns que acometem os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, dificuldades estas relacionadas a instituição escolar, familiar e pelas características próprias da personalidade da criança.

Na terceira parte da monografia, analisa-se as diferenças entre as dificuldades e os distúrbios de aprendizagem, investigando e apresentando os fatores responsáveis por esta diferenciação. Além disso, são abordados os principais distúrbios da leitura e escrita e, o papel do educador na identificação correta das dificuldades e dos distúrbios, para desta forma, proporcionar aos alunos um trabalho pedagógico voltado à superação dos problemas e das necessidades de cada um dos educandos.

PARTE 1 - O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Antes mesmo de a criança ingressar na instituição escolar, de acordo com Petrolino (2007), esta já vem desenvolvendo suas noções de escrita e leitura, a partir das suas vivências com o meio no qual está inserida, pois convive em um constante contato com vários tipos de escrita no seu dia a dia.

Segundo Ferreiro (1999), há crianças que chegam à instituição escolar já compreendendo que os códigos da escrita servem para se comunicarem, embora não saibam ainda como exatamente estes códigos funcionam. Essas são aquelas que começaram a se alfabetizar bem antes de ingressarem na escola, onde já vinham tendo contato e interagindo com a escrita em seu dia a dia, entretanto, há aquelas em que necessitam da escola para apropriarem-se da escrita.

Destaque-se que em nossa sociedade contemporânea é necessário não apenas dominar mecanicamente a leitura e a escrita, mas também, concomitantemente, desenvolver o letramento. Para Santi (2014, p. 8):

Os educadores cientes de que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilidade da escola, têm clareza sobre a necessidade de entender a alfabetização como um conhecimento complexo, pois, a eles cabe trabalhar as múltiplas possibilidades de uso da leitura e escrita na sociedade. Neste sentido, há um movimento (embora outros o questionem) de que as práticas de alfabetização devam ser orientadas de um modo que se promova a alfabetização juntamente com a perspectiva do letramento.

Desta forma, no decorrer dos anos, as práticas de alfabetização, de acordo com Santi (2014), vêm sendo orientadas de um modo que se promova um ato de alfabetizar juntamente com a perspectiva do letramento, isto ocorreu a partir das contribuições feitas principalmente com os estudos feitos por Ferreiro (1988), Teberosky e Colorem (2003, p. 85).

O letramento surge assim, como auxiliar no processo de uma aprendizagem mais sólida, rica e com um real efeito, visto que segundo Santi (2014, p.8), “a criança terá de interagir com outras pessoas, ter contato com muitos textos de diferentes gêneros disponíveis na sociedade e, principalmente, produzir seus próprios textos”. Daí a importância do letramento na alfabetização. Nesta perspectiva, segundo Silva (2014), o desafio atual é fazer com que as

didáticas da alfabetização permitam à criança sair da instituição escolar com todo o conhecimento necessário para a sua integração na sociedade.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, para Kleiman (2007), o letramento tem como intuito a reflexão do processo de ensino e aprendizagem tendo em vista os aspectos sociais e também as características da língua escrita. Segundo a autora, assumir o letramento na instituição escolar é adotar um ato de alfabetização no processo social da escrita. Para Soares (2004), no entanto, no Brasil, a questão do letramento acabou surgindo enraizada no conceito de alfabetização. O que tem levado, por inúmeras vezes, a uma inadequada fusão de ambos os processos.

Desta forma, para a autora (2004), o letramento acabou fazendo com que os processos de alfabetização fossem perdendo sua especificidade: a alfabetização, como um processo de aquisição da escrita alfabética e ortográfica, foi, de certo modo, obscurecida pelo letramento. De acordo com Soares (2004, p. 7) :

Sem negar a incontestável contribuição que essa mudança paradigmática, na área da alfabetização, trouxe para a compreensão da trajetória da criança em direção à descoberta do sistema alfabético, é preciso, entretanto, reconhecer que ela conduziu a alguns equívocos e a falsas inferências, que podem explicar a desinvenção da alfabetização.

Soares (2004, p. 7) ainda nos aponta que, para a prática da alfabetização, anteriormente havia um método, mas não existia nenhuma teoria, ao passo que, com esta mudança de concepção a respeito do processo de aprendizagem da língua escrita, ela passou a ter uma teoria, mas nenhum método.

Analisando o conceito de alfabetização, agora juntamente com as questões de letramento apresentadas, é necessário que, nos primeiros contatos da criança com a escrita, o educador leve em conta todas as vivências já percorridas pelo aprendiz, pois, de acordo com Santi (2014, p. 10), a “alfabetização precisa estar centrada na compreensão e comunicação, levando em conta o processo, modo de aprendizagem das crianças e de cada criança”. Isto é, o processo de descobrimento e conhecimento da função simbólica por trás da linguagem verbal pode variar de um educando para o outro.

Cabe ressaltar que a alfabetização é um período decisivo para o processo de ensino e aprendizagem das crianças, por isso, no início desta caminhada escolar, as intervenções realizadas pelo educador são fundamentais para o processo de desenvolvimento das capacidades e habilidades dos pequenos. De acordo com Silva (2010, p. 23):

A maneira como este processo é trabalhado influencia diretamente na apropriação do conhecimento. Entende-se que é preciso olhar detalhadamente o espaço educativo, isto é, a sala de aula, considerando que o educando possui sua história, seus saberes, sua bagagem de conhecimento e vivências nas quais devem ser valorizadas.

O educador terá de, primeiramente, compreender que este educando, que saiu recentemente da educação infantil, está passando por um momento de muitos receios perante este novo mundo que lhe é apresentado. Diante do exposto, caberá a este profissional entender que, para alfabetizar uma criança, é fundamental que ele esteja motivado a criar, se necessário, inúmeras estratégias de ensino e aprendizagem, sempre levando em conta as particularidades e individualidades de cada um de seus alunos.

Desta forma, para Santi (2014), o professor fará com que a criança se sinta mais à vontade e confiante no que está sendo proposto e desenvolvido com ela, integrando assim este aluno ao processo de alfabetização. Levando sempre em consideração que a alfabetização deve acontecer de modo gradativo e sólido, dada a complexidade do processo. Para Coelho:

A leitura é um processo de compreensão abrangente, que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. É a correspondência entre os sons e os sinais gráficos, através da decifração do código e a compreensão do conceito ou ideia (COELHO, 2009, p. 85).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDBEN n.º 9.394/96, o ensino fundamental de nove anos tem como objetivo a formação básica do cidadão, tendo em vista “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Art. 32, I). Portanto, fica claro que a alfabetização é um período decisivo para o processo de desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita como aponta Petronilo:

A renovação da prática pedagógica, nos últimos anos refere-se, exatamente às tentativas de tornar a leitura e a escrita mais significativa na escola. Observa-se que a leitura e a escrita são duas habilidades complexas e imprescindíveis para a aquisição das demais habilidades escolares e para o conhecimento. (2007, p.22).

Conclui-se que a leitura e a escrita são os instrumentos essenciais para o ingresso e a participação na sociedade letrada em que vivemos.

PARTE 2 - DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA

A aprendizagem se faz presente em todas as etapas e processos da vida humana, acompanhando-nos desde o nascimento até a nossa morte. Segundo Jesus (2008), a aprendizagem é desta forma, um processo fundamental para nossa sobrevivência, é através deste processo de ensino que, desenvolvemos os comportamentos que nos possibilitam viver. Nota-se que todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados do conhecimento.

De acordo com a autora, a “aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou experiência, com um sentido de progressiva adaptação ou ajustamento” (JESUS, 2008, p. 17). O processo de desenvolvimento das habilidades e capacidades é gradual, constante e contínuo e cada indivíduo tem um tempo e ritmo próprio.

É a partir das situações presenciadas pela criança em torno de seu meio social, ou seja, família, escola, comunidade, que esta vai construindo e aprimorando sua capacidade e seu potencial de aprendizagem no decorrer do seu desenvolvimento humano.

Entretanto, de acordo com Petronilo (2007), a aquisição dos códigos da leitura e escrita, acaba sendo uma tarefa difícil para a criança, pois esta ao ingressar na escola e se deparar com esse mundo novo que lhe é apresentado, muitas vezes começa a encarar os processos de ensino e aprendizagem vendo-os como se fosse algo totalmente novo e, começa assim a desenvolver e apresentar dificuldades escolares, que se manifestam logo nestes primeiros anos do ensino fundamental ou seja, no decorrer de seu processo de alfabetização.

Para Tabile e Jacometo:

As dificuldades de aprendizagem podem ser entendidas como obstáculos, ou barreiras, encontradas por alunos durante o período de escolarização em relação à assimilação dos conteúdos propostos. Eles podem ser duradouros ou passageiros e mais ou menos intensos e levam alunos ao abandono da escola, à reprovação, ao baixo rendimento, ao atraso no tempo de aprendizagem ou mesmo à necessidade de ajuda especializada (2017, p. 8).

As dificuldades de aprendizagem podem ser entendidas como um conceito, mais relacionado a questão de um problema de ordem e origem pedagógica, entretanto, tais situações relacionadas aos impasses encontrados na alfabetização dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental em relação a aquisição dos códigos de leitura e escrita, podem depender de

inúmeras causas e não apenas de um fator relacionado apenas ao educando em si. Cabe ressaltar que:

As crianças que possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita aprendem conforme os outros alunos, mas com lentidão, portanto, todas as crianças aprendem a ler e escrever basicamente da mesma forma, mas alguns vencem as dificuldades dessa aprendizagem com maior facilidade do que outras (PETRONILO, 2007, p.22).

Entretanto, muitas vezes a queixa de um mau rendimento escolar da criança por exemplo, não expressa uma deficiência e sim uma inadequação das propostas educacionais e pedagógicas. Segundo Meneghetti e Souza (2017, p.3):

Os problemas não atuam isoladamente, e podem ser biológicos, psicológicos e sociais. Por esse motivo, é importante ressaltar os seguintes temas: refletir sobre a concepção dos professores a respeito da formação dos alunos, principalmente aqueles com dificuldades de aprendizagem, analisar a participação da família na escola, ter ciência da relação da escola com a família e a sociedade, como também entender as políticas educacionais e a formação dos alunos.

É necessário portanto uma avaliação minuciosa por parte do educador, para que este possa identificar a real situação em que seus alunos estão passando e a partir disso auxiliar estes a superarem tais impasses relacionados aos seus processos de ensino e aprendizagem. Desta forma, a justificativa por parte da escola, de que se trata de um fracasso pessoal, não corresponde à realidade, podendo haver inúmeros outros motivos relacionados diretamente a esse “fracasso” do educando.

De acordo com as autoras Tabile e Jacometo:

Por isso, entende-se a importância de o professor rever sua prática e sua forma de analisar aquele aluno, bem como conversar com a direção da escola e com os pais. Somente investigando a fundo o problema será possível levantar o verdadeiro motivo dessa não aprendizagem e buscar a sua solução (2017, p. 9).

A seguir, será abordada as questões envolvendo os problemas em relação à aquisição da leitura e escrita dos alunos nos anos iniciais, dando aprofundamento aos principais fatores causadores pelas dificuldades de aprendizagem.

2.1 Dificuldades de aprendizagem condicionadas pela instituição escolar

As dificuldades de aprendizagem inúmeras vezes são causadas e relacionadas a problemática educacional da instituição em que o aluno está inserido, podendo existir vários fatores na escola que interferem negativamente na aprendizagem das crianças. De acordo com Lara (2005, p.19), “estão incluídos neste item os fatores intraescolares como inadequação de currículos, de programas, de sistema de avaliação, de métodos de ensino e relacionamento professor - aluno”.

As escolas, de acordo com a autora, utilizam materiais que muitas vezes já não fazem mais parte do contexto social em que vivemos, materiais desestimulantes e desatualizados que acabam sendo desprovidos de significado para os alunos, não propiciando e nem instigando a curiosidade dos mesmos e os levando a um desinteresse escolar”, o que mais adiante pode vir a ser um grande causador de dificuldades no processo de aprendizagem.

A falta de estímulo necessário a alfabetização é muitas vezes vista como culpa dos educandos. Em vez de procurar os “culpados”, o educador deve antes de mais nada, promover e desenvolver suas capacidades levando os educandos a sentirem a necessidade de valorizar os instrumentos da cultura e valorizar as atividades que se relacionam com ela (LARA, 2005, p. 20).

É necessário portanto que o educador alfabetizador crie oportunidades de ensino que levem seus alunos a motivação em sala de aula, visto que as crianças apresentam um quadro de motivação que está em constante formação, sendo importante que os responsáveis pelo ensino destes, crie os estímulos que motivem desta forma as construções de seus aprendizados (TABILE; JACOMETO, 2017). Para as autoras:

A motivação caracteriza-se por um processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir da necessidade de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir.

Para as teorias recém citadas (2017), a desmotivação acaba interferindo negativamente no processo de ensino-aprendizagem das crianças, como a falta de motivação, que é a mais comuns em sala de aula e outras que estão relacionadas ao planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor, sendo fatores determinantes para a aprendizagem dos alunos. Ou seja, o educador deve fundamentar seu trabalho conforme as necessidades e

particularidades de seus educandos, levando sempre em consideração o emocional e também as ansiedades que permeiam a vida deste.

Nestes primeiros anos do ensino fundamental é comum que as crianças se sintam inseguras a frente destes novos processos de aprendizagem envolvendo a leitura e a escrita, por isso, de acordo com Lara (2005), é natural que muitas encontrem dificuldades, pois a aquisição de tais códigos exigem destas a construção de novas habilidades que antes não faziam parte de suas vidas.

Uma criança ao ingressar na escola, já deve saber falar, compreender explicações, reconhecer objetos, e formas desenhadas e é capaz de obedecer às ordens complexas. O que muitas vezes os pais e educadores não consideram, é que a leitura e a escola são habilidades que exigem da criança atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisava dar importância, até o momento que ela começa a aprender a ler (LARA, 2005, p.12).

Desta forma, é necessário que o educador respeite e crie oportunidades de aprendizagem levando em consideração a etapa do desenvolvimento que seus alunos estão. “O professor precisa compreender a evolução do processo da criança, abrindo espaços para que ela possa aplicar suas hipóteses e avançar em seu conhecimento” (PETRONILO, 2007, p.12), contribuindo assim para uma aprendizagem mais efetiva da leitura e da escrita, a partir de propostas pedagógicas ricas e construtivas tendo em mente os limites e as possibilidades das crianças.

Cabe ressaltar que a forma como o professor desenvolve suas aulas, os seus programas, os seus métodos educacionais e o ambiente escolar em que o educando está inserido, influencia na adaptação das crianças nos sistemas de ensino e nos processos de aprendizagem, e conseqüentemente, na motivação das crianças.

Desta forma, é fundamental que o educador alfabetizador reveja e reflita constantemente sobre sua prática pedagógica, pois o planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas por este profissional são fatores determinantes para a aprendizagem das crianças.

O papel do educador com as crianças que apresentam tais dificuldades frente a seus processos de ensino e aprendizagem é diferente dos que trabalham “com respeito e cuidado com o processo de maturação de cada fase da criança, oferecer atividades e estímulos adequados que possibilitem o desenvolvimento cognitivo destas”, que é o mais correto, de acordo com Tabile e Jacometo (2017, p.5). E isso é corroborado por Jesus (2008,p.8) pois, muitas vezes, “uma vez trabalhada a parte pedagógica, modifica-se o desempenho escolar. Nestes casos não há problemas com a criança, mas sim a necessidade de uma adaptação a suas características individuais” .

Assim, é necessário que o educador pautе suas aulas focando realmente nas necessidades de seus educandos e nos impasses que estes apresentam e não apenas no currículo programado da instituição. Para as autoras (TABILE; JACOMETO, 2017, p.8):

A aprendizagem e o desenvolvimento acontecem do plano social para o individual. Nesse processo, os sujeitos mais experientes de uma cultura auxiliam os menos experientes, tornando possível que eles se apropriem das significações culturais. Assim, entende-se que a construção de conhecimentos é uma atividade compartilhada, trazendo implicações importantes para a educação.

Fica explícito como o professor cumpre um papel importante no que se refere ao processo da alfabetização e na superação das dificuldades de aprendizagem, encontradas pelos alunos em relação a aquisição da leitura e da escrita. É de extrema importância o educador saber conhecer as dificuldades e as reconhecê-las em seus alunos quando apresentadas.

Portanto, este profissional, deve buscar verificar através de constantes observações no ambiente escolar, entrevistas, conversas com os pais e responsáveis e também, relatórios de outros profissionais, para assim se averiguar se existe realmente um problema na aprendizagem para que desta forma, o educando não seja apenas rotulado como um portador de uma dificuldade de aprendizagem.

2.2 Dificuldades de aprendizagem condicionadas pela situação familiar

O ambiente familiar e cultural onde a criança está inserida pode interferir diretamente nos processos de ensino e aprendizagem, sendo que, “a escola é o primeiro lugar onde o aluno aprende a conviver em sociedade e se torna um desafio para alguns estudantes, pois cada um traz de casa seus costumes e maneiras de viver em família” como aponta Meneghetti e Souza (2017, p. 5).

Toda essa bagagem que o educando carrega e traz consigo para a instituição escolar, pode vir a se tornar um impasse frente aos processos educacionais, uma vez que, pode tornar a convivência e a relação entre alunos e professores conflituosa e por consequência, interferir negativamente na construção da aprendizagem.

Segundo Carara (2017, p. 4):

Crianças que se desenvolvem em ambientes desfavoráveis, que presenciam e sofrem práticas violentas em família, com pouco estímulo por parte dos pais, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado e a serem influenciadas pelas mediações negativas que o meio ao qual estão inseridas lhes submete. Crianças tendem a apresentar na escola comportamentos semelhantes ao que vivenciam em casa, quando são advindas de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Nota-se que a família, o meio cultural e o ambiente social em que as crianças estão inseridas, acabam por ocasionar diretamente grandes dificuldades em relação a educação destas, porque é através das influências familiares e dos ambientais que se vai moldando os comportamentos das crianças (ERNEGAS, 2012, p. 19).

De acordo com a autora (2012), a família cumpre um dos papéis mais importantes no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, visto que, é neste meio social que são realizados os contatos mais íntimos, ou seja, onde os acontecimentos mais construtivos e importantes ocorrem. Entretanto, quando a relação familiar não vai bem acaba por refletir diretamente nos processos de aprendizagens das crianças e mais adiante vir a se tornar uma dificuldade de aprendizagem.

Portanto, é fundamental que a família possa propiciar um ambiente que contribua para o desenvolvimento pleno do indivíduo, tanto o biológico, psicológico como também o social, “contribuindo assim tanto para o desenvolvimento saudável quanto patológico de seus componentes” (ERNEGAS, 2012, p. 19).

Para Meneghetti e Souza :

É preciso que a família e a comunidade abracem juntas, esta responsabilidade, que deve estar inter-relacionada com a grandeza social do ser humano, em que a produção e o diálogo do conhecimento ocorram por meio de práticas participativas e criadoras, cada um exercendo o seu papel: família, escola e comunidade (2017, p. 5).

Cabe ainda ressaltar que de acordo com Carara (2017), as crianças em situações familiares vulneráveis acabam não tendo acesso, por exemplo, aos materiais educativos e pedagógicos e, principalmente acabam não recebendo atenção dos pais e responsáveis e por conta destes, que muitas vezes não têm tempo para dedicar aos filhos, refletindo assim na vida escolar desses educandos.

Para Carara (2017), ainda há outros fatores que comprometem e acabam afetando a aprendizagens das crianças:

A falta de acesso associada à desvalorização da educação, à incompreensão dos pais quanto à sua importância, os problemas econômicos e culturais, as

drogas e a criminalidade, entre outras tantas dificuldades, fazem da família muitas vezes um fator de risco para o desenvolvimento e, conseqüentemente, para o desempenho escolar da criança (CARARA, 2017, p. 5).

Observa-se que em muitas famílias ocorre a junção dos diversos fatores ambientais e sociais que afetam a aprendizagem das crianças, contribuindo assim para um agravamento das dificuldades escolares já apresentadas anteriormente nesta monografia, principalmente aquelas que dizem respeito aos primeiros anos do ensino fundamental onde, a família cumpre um papel importantíssimo, sendo através desta que “se desenvolvem os primeiros laços afetivos, indispensáveis para o desenvolvimento integral de uma criança” (CARARA, 2017, p. 5).

Desta forma, cabe a família do educando possibilitar um ambiente e uma base sólida para o desenvolvimento deste, mesmo com as adversidades e singularidades em que estas se encontram. As famílias precisam ter comprometimento com a educação da criança.

É necessário que a instituição familiar esteja ciente do seu importante papel na formação da educação das crianças, pois é fundamental que haja uma cooperação entre escola, comunidade e família para que de fato a aprendizagem aconteça.

2.3 Dificuldades de aprendizagem condicionadas pelas características da personalidade da criança

As crianças apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, podem estar passando por inúmeros impasses como aponta Comin (2010, p.3), podem ser problemas estar relacionados com o emocional, o social e com as relações destas com o ambiente escolar, familiar e cultural em que estão inseridas.

A partir das situações difíceis enfrentadas pelos educandos, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental, esses passam a criar um conceito negativo de si mesmos e mais adiante como afirma Comin (2010), estes podem vir a apresentarem uma baixa autoestima, refletindo negativamente nos rendimentos escolares e nos processos de aprendizagem escolar.

Para a autora, “alterações do humor com um forte componente de irritação, amargura, desgosto ou agressividade constituem quadros de mudanças repentinas do estado de ânimo que podem estar presentes nos transtornos afetivos” (COMIN, 2010, p.3). Ou seja, quando o aluno

começa a apresentar mudanças de comportamentos e passa a manifestar condutas irritáveis com comportamentos destrutivos, agressivos e de violação de regras sociais que antes aceitas por este, é necessário de acordo com a autora (2010) que o educador busque identificar os possíveis problemas afetivos que seu educando está passando para desta forma auxiliá-lo a superar tais barreiras.

Durante o processo de desenvolvimento, algumas crianças se defrontam com dificuldades de várias ordens e principalmente, em seus relacionamentos escolares, ou seja, na relação com os demais colegas da instituição escolar e também muitas vezes com os profissionais da instituição em que estão inseridas, além de claro, apresentarem dificuldades em seus relacionamentos familiares, como abordado no capítulo anterior.

Os discentes começam a demonstrar “comportamentos considerados desajustados, perturbadores ou mesmo antissociais” como aponta Comin (2010, p.3). Provavelmente por estarem em um processo de desenvolvimento e ainda não possuírem capacidade necessária para compreender o que está a se passar com eles e por isso, reagem assim, demonstrando comportamentos de irritabilidade e agressividade e ainda, muitas vezes demonstram um comportamento problemático relacionado às tarefas e atividades escolares, indicando uma falta de persistência, lentidão, grande desinteresse, desatenção, e retraimento de acordo com Comin (2010).

Para Coll, Marchesi e Palacios (2007):

Os problemas emocionais e sociais podem desempenhar um papel importante nas dificuldades gerais de aprendizagem e no rendimento, seja como fator etiológico fundamental ou colateral seja como consequência das próprias dificuldades gerais ou específicas de aprendizagem e do baixo rendimento (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 120).

Desta forma, fica explícito a partir das considerações dos autores mencionados anteriormente, que os problemas e as dificuldades de aprendizagem, muitas vezes podem estar relacionados com o emocional dos alunos, visto que, este cumpre um papel de grande importância no que se refere a aquisição aprendizagem

É importante que o educador esteja sempre atento aos indícios e comportamentos apresentados pelos seus alunos em sala de aula e a partir disso, avaliar a real situação que seus educandos estão passando, pois, crianças que iniciam comportamentos diferentes do comum estão na verdade tentando chamar atenção (COMIN, 2010).

Portanto é necessário que o professor fique sempre atento aos sinais de “ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de

estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas” (COMIN, 2010, p.4).

E ainda cabe ressaltar que o educador também cumpre um importante papel nas relações de afetividade da criança, ou seja, é na escola que as experiências são trocadas e vividas, sendo o educador um mediador neste processo.

Portanto, os problemas de aprendizagem se relacionam muitas vezes com a área afetivo-emocional das crianças, refletindo assim no desempenho acadêmico destas. O educador pode oferecer-lhes intervenções positivas fazendo com que elas desenvolvam confiança e desta maneira, mesmo baseado em ações mútuas envolvendo o afeto, respeito mútuo e valorização recíproca, pode contribuir com o desenvolvimento e o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem destas.

PARTE 3 - DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM OU DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM ?

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita, de acordo com as teóricas, Carvalho, Crenitte e Ciasca (2007), tem sido cada vez mais problemático e difícil porque toda a responsabilidade vem sendo caindo sobre os profissionais da educação, existindo uma frequente queixa por parte principalmente dos pais e educadores, a respeito das dificuldades dos alunos em aprender.

Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia :

Às dificuldades de aprendizagem atingem cerca de 5% da população escolar, costumeiramente frustram pais e professores, mas a maior frustração é sentida pelos próprios estudantes. As dificuldades de aprendizagem exigem um cuidado minucioso, já que nem sempre são fáceis de serem identificadas.

Levando em consideração esta problemática dos educandos de terem dificuldades em relação a aquisição da leitura e da escrita, ao professor compete, de acordo com os impasses encontrados, ao ensinar, somada ao desconhecimento do mesmo em relação aos problemas de aprendizagem apresentados pelos seus discentes, toda esta situação pode acabar levando a uma atuação equivocada e inadequada ao processo educacional. (CARVALHO;CRENITTE; CIASCA, 2007).

O grande problema encontrado pelos educadores dos anos iniciais do ensino fundamental, se dá pela dificuldade encontrada por estes no reconhecimento e na diferenciação entre um distúrbio e uma dificuldade de aprendizagem dos alunos nesta etapa da alfabetização.

Silva (2014, p. 13) nos explica que, “constituir nitidamente os extremos que separam as dificuldades de aprendizagem dos chamados distúrbios de aprendizagem não é uma tarefa fácil e sim muito complicada, e que fica a critério do especialista na área em que a deficiência se apresenta”. Mas é a identificação inicial do professor em sala de aula que irá facilitar o encaminhamento do aluno a um especialista.

Desta forma, faz-se necessário diferenciarmos os termos “dificuldades de aprendizagem” e “distúrbios de aprendizagem”, uma vez que, ambas possuem significados diferentes e, para que também se considere as distinções de seus significados.

De acordo com Gimenez (2015, p.2) “a diferença refere-se às características orgânicas, biológicas do distúrbio que não caracterizam as dificuldades de aprendizagem” enquanto as

dificuldades de aprendizagem estão mais relacionadas a um termo mais amplo, sendo que nesta, se inclui segundo a autora, qualquer tipo de dificuldade de aprender apresentada durante o processo da aprendizagem, referindo-se mais, a um déficit escolar. Ou seja, podendo acontecer da decorrência de muitos fatores, como métodos educacionais inadequados, pelo ambiente familiar e cultural que o aluno está inserido e também, ao emocional deste educando, como já abordado nos capítulos anteriores deste estudo.

Nota-se que o distúrbio de aprendizagem de acordo com Ciasca e Rossoni (2000), é caracterizado por uma perturbação no processo de aprendizagem, ou seja, fica evidente que o termo “distúrbio” é bem mais restrito se comparado às dificuldades de aprendizagem.

Para Gimenez (2015), os distúrbios estão ligados diretamente aos processos psicológicos da criança, “é uma condição de origem neurológica, orgânica, uma vez que envolve falhas no funcionamento do sistema nervoso central” (GIMENEZ, 2015, p.3).

De acordo com Germano e Capellini (2011, p. 136), os transtornos de aprendizagem, também denominados distúrbios de aprendizagem, consistem em uma variada gama de manifestações, como transtornos de audição, fala, leitura, escrita e matemática, sendo o tipo mais prevalente dos diagnósticos de aprendizagem.

Desta forma, a disfunção neurológica é um dos fatores fundamentais em que diferencia uma criança com distúrbio de aprendizagem das demais com problemas e dificuldades em relação a aquisição da aprendizagem,, visto que, a definição de distúrbios está relacionada a uma visão médica “uma vez que possui um significado restrito relacionado a uma disfunção neurológica para explicar atrasos na aquisição da leitura, escrita ou capacidade de cálculo” (GIMENEZ, 2015, p. 3).

Já as dificuldades de aprendizagem, de acordo com Sisto (2001, p.193 apud GIMENEZ, 2015, p.3):

A dificuldade de aprendizagem engloba um número heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos e dificuldades em leitura, escrita, cálculo , em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagem culturais.

Segundo os teóricos mencionados, nota-se que as dificuldades de aprendizagem estão mais relacionadas às questões de ordem psicopedagógica e situacionais em que o educando está passando, podendo muitas vezes, o problema não estar concentrado apenas no aluno em si.

Portanto, as dificuldades de aprendizagem só podem ser compreendidas a partir de uma complexa análise e observação dos múltiplos fatores que fazem parte da vida do estudante, enquanto que o distúrbios estão diretamente associados ao aluno em si, uma vez que implica a

existência de comprometimentos neurológicos em desempenhos corticais específicos que interferem no processo de aquisição da leitura e da escrita, tratando-se assim, de um problema que impede o funcionamento integrado do cérebro em desenvolvimento (SILVA,2014).

3.1 Os distúrbios de aprendizagem da leitura e da escrita

Os distúrbios de aprendizagem de acordo com Domingos (2018) influenciam a maneira como o educando se relaciona com cada área do conhecimento. Estes transtornos são subdivididos em grupos diferentes, podendo assim afetar os diversos campos do conhecimento como escrita, leitura, linguagem e a área da matemática.

Para Melquíades, Alves, Silva e Mamedes (2018, p. 6) “os distúrbios de aprendizagem mais frequentes nas escolas brasileiras e que chegam aos consultórios psicopedagógicos com mais frequência são: dislexia, disortografia, disgrafia, dislalia e a discalculia”. Desta forma, apresentam-se a seguir algumas breves características de cada caso em enfoque.

Dislexia

Para Barbosa (2014), a dislexia é uma dificuldade que surge na infância da criança e está relacionada diretamente a “um distúrbio no reconhecimento e orientação das letras e de sua sequência ou significação das palavras entretanto, a percepção visual e a orientação espacial dos sujeitos disléxicos permanecem intactas” (2014, p.12).

A dislexia é uma dificuldade duradoura que envolve a língua escrita, ou seja, está relacionada com a aquisição dos códigos da leitura e da escrita.

Este distúrbio, segundo Semkiv e Silva (2013), pode vir a ser desde uma grave incapacidade quase total em aprender a ler, como também pode se apresentar como uma leitura quase normal, porém silabada, ou seja, sem uma automatização do código.

De acordo com Barbosa (2014, p.14), a dislexia pode se apresentar como:

Um inconstante desempenho, lentidão em desenvolver as tarefas de leitura e escrita, dificuldades em soletração, trocas de escrita de leitura, junções e aglutinações de fonemas, omissões de letras ou fonemas, dificuldade em

associar o som ao símbolo, dificuldade com a rima, dificuldade em associações, como por exemplo, de rótulos aos seus produtos .

Desta forma, a dislexia acaba comprometendo o processo de aprendizagem das crianças. Domingos (2018) aponta que a distinção vocabular é essencial na aprendizagem da leitura, entretanto nos educandos com dislexia, a leitura se apresenta como lenta e demorada comprometendo a fala e o processo de aprender a ler “fazendo com que a criança fique inibida em sala quando os exercícios requerem treino de leitura como reforço da linguagem falada” (DOMINGOS, 2018, p.25).

Para Barbosa (2014, p.15):

O dislético, em geral, faz uma leitura lenta e confunde letras, omite ou acrescenta letras ou palavras, inverte o sentido das letras ou sílabas, inventa, pula linhas, perde-se nas linhas, entre outros sintomas próprios desse distúrbio. Esses fatores impedem a compreensão adequada da leitura.

A dislexia acaba produzindo uma grande tensão emocional na criança, impedindo-a de desfrutar e extrair experiências significativas da leitura e da escrita. E ainda, os alunos que apresentam este transtorno, acabam sendo vistos inúmeras vezes como preguiçosos e com falta de motivação para aprender podendo até mesmo, desenvolverem uma auto estima baixa, por conta dessa falta de diagnóstico adequado. Cabe ressaltar que os alunos disléticos de acordo com Barbosa (2014, p.13):

Ouvem e enxergam normalmente, se destacam em outras atividades como música, desenho, pintura, eletrônica, mecânica, esportes, dentre outras. Já no desempenho escolar apresentam mais dificuldade, justamente por terem a leitura comprometida.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é consequência de um mal desempenho escolar do aluno e sim está relacionada a um distúrbio que de acordo com Semkiv e Silva (2013), está diretamente associado às funções de percepção, memória e análise visual do educando.

Disortografia

A disortografia, segundo Afonso (2010), é um distúrbio de aprendizagem que está relacionada com a ortografia e a sintaxe, ou seja, uma dificuldade específica persistente que afeta as habilidades da criança com a escrita, e que acaba afetando também a capacidade desta em compor textos escritos.

Esse transtorno da escrita é uma perturbação que altera e por conseguinte acaba afetando, a transmissão dos códigos linguísticos no que se diz respeito aos fonemas, dos grafemas e, no que diz respeito também a relação correta entre estes, ou seja, as peculiaridades ortográfica das palavras e as regras da ortografia (AFONSO, 2010).

Conforme Ponçadilha (2016 p.17):

As dificuldades que se observam na disortografia sugerem uma não automatização dos processos cognitivos subjacentes ao ato de escrever, o que por sua vez origina uma produção escrita deficitária. Para além disso, envolvem problemas de memorização e de evocação dos processos e subprocessos da escrita, observando-se uma carência a nível das capacidades metacognitivas de regulação e de autocontrole.

A disortografia, como aponta Ponçadilha (2016) está diretamente associada aos processos cognitivos da criança, tornando o processo de aprendizagem da escrita deficiente. Entretanto, cabe ressaltar que embora esse distúrbio esteja relacionado aos processos cognitivos da criança, as crianças com disortografia “não têm deficiência intelectual, pelo contrário, apresentam uma capacidade intelectual dentro de valores médios” (PONÇADILHA, 2016, p.17).

Os educandos que apresentam esta dificuldade de aprendizagem específica, geralmente fazem “a construção de frases mal estruturadas, inacabadas, com falta de elementos, palavras repetidas, vocabulário reduzido, falta de pontuação” (AFONSO, 2010, p.25), podendo assim tornar a escrita destes muitas vezes indecifráveis, pois, estes alunos acabam se esquecendo de rever as suas composições, por conta de geralmente não terem consciência dos processos da escrita que suas composições escritas exigem, mais uma característica importante que estes estudantes normalmente apresentam.

Para a teórica recém citada (2010):

Esta incapacidade de estruturar gramaticalmente a linguagem pode emergir no desconhecimento ou descuido das regras gramaticais, confusão de pequenas palavras, trocas de plurais, falta de acentos, correspondência incorreta, entre o som e o símbolo escrito (omissões, adições, substituições). Ainda podem ser originadas por alterações na linguagem, erros na percepção, falhas na atenção.

A disortografia gera uma certa dificuldade no aluno de “memorizar os esquemas gráficos ou discriminar os fonemas” (AFONSO, 2010, p.26). Em relação a estrutura gramatical da escrita, no que se diz respeito aos processos de percepção do aluno com este distúrbio, este transtorno pode afetar tanto o nível visual como também o auditivo, de acordo com a autora (2010).

Disgrafia

A Disgrafia é um distúrbio referente à habilidade da criança em reproduzir a escrita. Souza (2015, p.13) define essa dificuldade específica como:

Um distúrbio da palavra escrita que se caracteriza por uma leve incoordenação motora, apresentando a mesma letra com movimentos diferentes e escrita confusa, sendo assim chamada de letra feia. Isso acontece devido a uma incapacidade de recordar a grafia da letra. Ao tentar recordar este grafismo escreve muito lentamente o que acaba unindo inadequadamente as letras, tornando a letra ilegível.

Esse transtorno da escrita se apresenta em crianças, geralmente em idade de alfabetização, nos primeiros anos do ensino fundamental. Cabe ressaltar que “até as três primeiras séries é normal que as crianças façam confusões ortográficas, pois os sons e palavras impostas ainda não são dominados por elas” (Souza, 2015, p.13). Entretanto para o autor (2015), é necessário por parte do educador e da família da criança, muita atenção, caso no decorrer dos anos estas trocas ortográficas continuem ocorrendo.

Para Souza (2015), a disgrafia acaba dificultando assim a comunicação uma vez que, interfere na comunicação de ideias e no que diz respeito aos conhecimentos desse específico canal de comunicação, visto que esse distúrbio se apresenta como uma incapacidade da criança em produzir um padrão de escrita aceitável pela instituição escolar. Os alunos disgráficos sofrem em diferentes graus, sensações de insegurança e desequilíbrio com relação à gravidade desde a infância. Cabe ressaltar que, a disgrafia não está associada a nenhum tipo de comprometimento intelectual na criança (Souza, 2015).

É necessário que o professor esteja sempre atento às situações pelas quais seus alunos estão passando e as características e os comportamentos que possam vir a ser indicadores de um possível distúrbio de disgrafia. Algumas possíveis condições que podem revelar que um aluno apresente o transtorno da dislexia de acordo com Coelho (2011) são:

A forma das letras irreconhecível; traçado exagerado e grosso (que vinca o papel) ou demasiado suave e imperceptível; grafismo trêmulo ou com uma marcada irregularidade, originando variações no tamanhos dos grafemas; escrita demasiado rápida ou lenta; espaçamento irregular das letras ou das palavras, que podem aparecer desligadas, sobrepostas ou ilegíveis ou, pelo contrário, demasiado juntas e erros e borrões que quase não deixam possibilidade para a leitura da escrita e desorganização geral na folha/texto.

Portanto, cabe ao educador estar sempre atento caso seus alunos venham a apresentar algumas destas características, mas, não somente os educadores, também os familiares que

convivem com a criança, dando-lhe atenção redobrada quando se trata da alfabetização da criança.

Dislalia

Outro distúrbio relacionado a leitura e a escrita é a dislalia. Para Domingos (2018, p.26) “ela é responsável por prejudicar a fala, fazendo com que a criança cometa erros na ordem das letras de uma palavra, e o som emitido se modifique”.

Os alunos com dislalia, possuem dificuldades em relação a emissão das palavras, cometem erros na comunicação, trocando letras na hora de pronunciar os vocábulos e podem ainda fazer a omissão, substituição, distorção e até mesmo um acréscimo de sons nas palavras (DOMINGOS, 2018).

Para Bueno (2018):

A dislalia é avaliada como um procedimento que envolve o organismo humano e que acarreta distúrbios na fala, bem como a possibilidade de distúrbios na escrita. A troca de sons aponta essa má articulação das palavras, que pode prejudicar o desenvolvimento da criança.

A dislalia embora seja um distúrbio na fala, pode levar a um desenvolvimento de dificuldades na escrita, como ressalta Bueno (2018, p. 5) “no que tange à escrita, observa-se que há alterações nas suas produções, ocorrendo trocas das letras, pois a criança acaba por escrever expressando as incorreções que manifesta na fala”.

Ferreira (2014) aponta que a dislalia pode ter causas variadas, mas que se destacam as causas relacionadas às deficiências auditivas e a mobilidade da língua em que o indivíduo apresenta este distúrbio, podendo manifestar “hábitos de deglutição atípicos, fatores genéticos e incidência psicossocial” (FERREIRA, 2014, p.31).

Desta forma, é muito importante e necessário que a articulação da criança que venha a apresentar tais características que apontam um possível distúrbio de dislexia, seja avaliada, pois, somente a partir do diagnóstico correto podem ser realizadas as intervenções necessárias e assim, evitar maiores prejuízos futuros.

Discalculia

O último distúrbio a ser tratado nesta pesquisa é a discalculia que está relacionada a uma dificuldade específica de aprendizagem na área da matemática. Ferreira (2014, p.33), define a discalculia como:

Um problema de aprendizagem caracterizado pela dificuldade em efetuar cálculos que se manifesta pela dificuldade de compreensão do mecanismo de numeração, memorização do vocabulário matemático, utilização correta de símbolos numéricos e realização das quatro operações, em especial as inversas.

A discalculia tem como característica sintomas relacionados a uma inadequada execução das quatro operações matemáticas e cálculos básicos em que os alunos que possuem este distúrbio, geralmente cometem erros em relação aos algoritmos e, inadequações no que diz respeito aos sinais matemáticos, podendo ainda, apresentarem uma incompreensão com as relações espaciais e de quantidade, bem como dos enunciados das tarefas e atividades. (FERREIRA, 2014).

Este distúrbio de aprendizagem relacionado aos números acaba gerando na criança uma incapacidade de compreender como funcionam os mecanismos do cálculo e a solução dos problemas matemáticos. O educando que apresenta a discalculia não consegue de acordo com Semkiv e Silva (2013), realizar as operações simples, mas fundamentais, como soma, subtração, divisão e multiplicação e ainda, confundem os conceitos matemáticos e não conseguem realizar atividades relacionadas a seriação e sequência numérica.

Para Semkiv Silva (2013, p.8) “os/as educandos/as que possuem discalculia não conseguem com facilidade fazer associações do conhecimento matemático adquirido no âmbito escolar com a matemática domiciliar, encontrada na receita alimentícia, objetos, dinheiro” e isto também é destacado por Coelho (2011, p. 14):

A matemática é uma disciplina extremamente importante para o dia a dia, uma vez que se lida com números e realizam-se cálculos em inúmeras situações do cotidiano. Deste modo, o primeiro aspeto a ter em conta na intervenção com uma criança com discalculia é, precisamente, fazê-la perceber o quanto importante é dominar esse pretenso.

Desta forma, fica explícito a partir das considerações das autoras, que este distúrbio da matemática pode afetar toda a vida do estudante, uma vez que, interfere nas concepções matemáticas básicas que permeiam a vida de todos os indivíduos.

Portanto, é imprescindível por parte da instituição escolar e da família da criança que venha apresentar tal distúrbio, criar medidas e intervenções para que a mesma consiga superar esta dificuldade de aprendizagem específica dentro de seus limites e capacidades.

3.2 O papel do professor na identificação correta das dificuldades e distúrbios de aprendizagem

O educador possui um dos papéis mais importantes, que é o de reconhecer inicialmente as crianças que apresentam dificuldades escolares, já que este participa ativamente do processo de ensino e aprendizagem destas. Para Oliveira (2009), é a partir das considerações iniciais feitas pelo professor, que “a criança deve ser encaminhada a um profissional especializado, caso necessário, com o intuito de se determinar a real causa do não-aprender” (OLIVEIRA, 2009, p. 19).

Ou seja, quando o ato de aprender, segundo Silva (2014, p. 13), “se apresenta problemático é preciso uma avaliação muito mais abrangente e minuciosa”. Sendo assim é fundamental para Oliveira (2009), uma intervenção e apoio psicopedagógico no decorrer da caminhada escolar das crianças que apresentam tais dificuldades e distúrbios, para que estas consigam se desenvolver e acompanhar o processo de ensino e aprendizagem. Para Oliveira:

Geralmente, esta intervenção não acontece de forma isolada, envolve além do atendimento do sujeito, a escola e a família. A esta são oferecidas as orientações de como lidar com as dificuldades que venham a ocorrer, enquanto aqueles são estimulados nas áreas que apresentam dificuldades (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

Entretanto, o grande impasse encontrado pelos profissionais da educação se dá pela dificuldade encontrada por estes, no reconhecimento e na diferenciação entre um distúrbio e uma dificuldade de aprendizagem dos alunos, nesta etapa da alfabetização, agravando assim a situação ao qual a criança se encontra. Alguns estudantes poderão apresentar dificuldades na execução de atividades que ao decorrer das aulas e dos anos letivos, podem ir se agravando sem que ocorra sinais de evolução. De acordo com Domingos (2018, p.30):

Nesse contexto, podem surgir dúvidas por parte dos/as docentes sobre o que ocorre com os/as discentes que não conseguem aprender, apresentando possíveis dificuldades ou transtornos de aprendizagem. Por isso, é importante distingui-las, pois estas são diferentes e podem causar confusão se não houver conhecimento a respeito.

As dificuldades de aprendizagem para Domingos (2018) podem ocorrer por vários fatores que impedem em alguns momentos da vida de uma criança, que esta adquira conhecimentos. Há vários motivos que podem estar associados às dificuldades no processo de aquisição da aprendizagem, podendo estar relacionados tanto a fatores internos como externos,

biológicos, afetivos e familiares que podem vir a influenciar no rendimento escolar do/a aluno/a. Para a autora:

As dificuldade de aprendizagem não se restringe a apenas uma causa, necessitando de uma visão mais aguçada, compreendendo que a atuação pedagógica contribui, mas também pode prejudicar o desempenho do/a discente, caso não seja detectado precocemente ou tenha diagnóstico inadequado (DOMINGOS, 2018, p.30).

Nesse sentido, vale destacar que, embora um transtorno de aprendizagem possa ocorrer juntamente com outras condições desfavoráveis do aluno como “alteração sensorial, retardo mental, distúrbio social ou emocional ou influências ambientais, não é resultado dessas condições ou influências” (COLLARES; MOYSÉS, 1992, p.32).

Os distúrbios de aprendizagem estão ligados diretamente aos processos cognitivos da criança, podendo acarretar dificuldades específicas em relação à aquisição e utilização das habilidades correspondentes à compreensão da fala, escrita, leitura e ao raciocínio lógico (GIMENEZ, 2015).

Deve-se observar que “quando a dificuldade em aprender se torna cada vez mais evidente e insiste em persistir por mais tempo que o previsto pelo/a educador/a, pode ser sinal de transtorno de aprendizagem” (DOMINGOS, 2018, p.33). Desta forma, o distúrbio está relacionado ao cunho neurológico da criança, diferentemente da dificuldade de aprendizagem, que geralmente envolve outros fatores como já abordado anteriormente, que podem ser resolvidos em curto prazo.

Portanto o educador tem o papel de observar o educando:

Em sua inteireza, atentando-se às especificidades de cada um/a e assim atuar, intervindo de acordo com o contexto do/a discente. As dificuldades estão relacionadas, em grande proporção, a questões escolares que envolvem métodos didático-pedagógicos que não se adequam a certas realidades que envolvem estruturas familiares diversas, desavenças, abandono, condições de miséria. (DOMINGOS, 2018, p.33)

Enfim, são muitos os aspectos que acabam por acarretar a dificuldade de aprendizagem no educando, mas, é a partir desta identificação inicial correta por parte do professor da situação que seus educandos estão passando e dos estímulos adequados fornecidos aos alunos, que estes transtornos podem vir a ser minimizados (DOMINGOS, 2018).

Diante disto, fica explícita a grande importância de uma identificação apropriada de tais distúrbios e dificuldades de aprendizagem. Para Souza (2017), é esse reconhecimento que possibilitará ao educador desenvolver suas aulas, baseadas na real necessidade do aluno,

facilitando o acesso, de fato, à educação. Certamente isso contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Sendo assim é necessário para Oliveira (2009), que o educador realize intervenções e apoio psicopedagógico, avaliações pedagógicas, diagnósticos e mediações intencionais no decorrer da caminhada escolar das crianças que apresentam tais dificuldades e distúrbios. Para a autora:

Geralmente, esta intervenção não acontece de forma isolada, envolve além do atendimento do sujeito, a escola e a família. A esta são oferecidas as orientações de como lidar com as dificuldades que venham a ocorrer, enquanto aqueles são estimulados nas áreas que apresentam dificuldades (OLIVEIRA, 2009, p. 9).

Os diagnósticos de transtorno devem ser realizados no início da caminhada escolar da criança e a partir disto, será feito um encaminhamento o mais breve possível a um especialista em neurologia para que a criança “não se sinta totalmente incapaz, diante dos conteúdos ministrados pelo professor em sala de aula”, e assim estas consigam se desenvolver dentro de seus limites e capacidades, na medida do possível (DOMINGOS, 2018, p.34) .

Nesse sentido cabe destacar que as dificuldades de aprendizagens diferentemente dos distúrbios, por estarem relacionadas a certos condicionamentos de causas emocionais, causas pedagógicas e afetivas, estas podem ser solucionadas a partir do momento em que se descobrem os reais motivos de tais dificuldades sendo necessários por exemplo, que o educador realize avaliações e reveja sua metodologias (DOMINGOS, 2018).

Fica explícito que os docentes têm necessidade de mais conhecimentos a respeito dos distúrbios e dificuldades de aprendizagens para que assim, suas ações oferecidas aos educandos, sejam adequadas à problemática que cada um está passando, promovendo assim o desenvolvimento educacional destes.

Contudo, os professores devem ainda contar com o auxílio dos familiares, uma vez que este trabalho, envolve além da escola e do atendimento especializado, o apoio familiar, visto que este cumpre um papel essencial na aprendizagem das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta monografia é possível afirmar que, ela revelou a importância do papel do educador em relação a identificação correta dos transtornos e dificuldades de aprendizagem, sendo este profissional o responsável por observar e reconhecer características, peculiaridades e a classificação das dificuldades de aprendizagem e dos transtornos, sendo este último fator de grandes controvérsias e equívocos no momento do diagnóstico.

De acordo com os teóricos estudados e abordados neste estudo, constatou-se que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas diretamente a fatores ligados a instituição escolar como: profissionais com metodologias pedagógicas inadequadas, relação professor-aluno desestimulante, e ainda, ao emocional e afetivo do educando, visto que todos estes fatores podem vir a interferir nos processos de aprendizagem dos estudantes.

Já os principais distúrbios de aprendizagem, ao qual foram abordados neste estudo: dislexia, disortografia, disgrafia, dislalia e a discalculia estão relacionados diretamente aos processos cognitivos da criança, ou seja, ao cunho neurológico desta.

Diferentemente das dificuldades de aprendizagem, que podem ser resolvidas em um curto período de tempo, os distúrbios necessitam ao educando ter um acompanhamento clínico para realizar e efetivar os diagnósticos de possíveis transtornos, ao qual são identificados inicialmente e na maioria das vezes, na instituição escolar pelo educador.

Assim, esta pesquisa foi relevante para refletir sobre possíveis atuações dos docentes frente às dificuldades e aos distúrbios. Por isso, o educador cumpre um papel tão importante e necessário para estas crianças, onde é a partir deste diagnóstico inicial feito pelo educador em sala de aula, que poderá ser realizado um encaminhamento dos alunos a especialistas na área em que estes apresentam os distúrbios, e assim, estes receberão, além de profissionais trabalhando em conjunto na superação de tais transtornos, propostas educacionais voltadas para suas necessidades, possibilitando os estímulos necessários ao desenvolvimento desses educandos no que se refere às áreas em que apresentam tais dificuldades.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria de Lurdes Peixoto. **Disortografia: Compreender para intervir.** 2010. 116 p. Mestrado (Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2010. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/740/4/TM-ESEPF-EE_lurdesafonso2010.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.
- BARBOSA, Cláudia Freitas Franco. **Dislexia: Dificuldades de aprendizagem na escola.** 2014. 30 p. Monografia de especialização-Educação: Métodos e técnicas de ensino, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4288/1/MD_EDUMTE_2014_2_19.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.
- BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1991.
- BARBOSA, Mariana de Barros. **Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: perspectivas para sua compreensão e superação.** Orientador: Prof.^a Dr.^a Andréia Osti. 2015. 52 p. Monografia (Pedagogia) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Rio Claro, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128232/000851216.pdf?s>>. Acesso em: 05 set. 2020.
- BARTHOLOMEU, D. ; SISTO, F.F; RUEDA, F.J.M. **Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças.** 2006. Psicologia em Estudo, Maringá, Jundiaí–SP, v. 11, ed. n.1, p. 8. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a16.pdf>>. Acesso em 20 set. 2020.
- BRASIL. Portal oficial do governo federal. **Diagnóstico educativo: Dificuldades de aprendizagem atingem cerca de 5% da população escolar.** 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2014/07/dificuldades-de-aprendizagem-atingem-cerca-de-5-da-populacao-escolar>>. Acesso em: 25 set. 2020.
- BUENO, Camila Silva. **A Dislalia e suas consequências no processo de aprendizagem.** 2018. p.11. Artigo-UniEVANGÉLICA. Disponível em: <<http://45.4.96.34/index.php/pedagogia/article/view/4491/2737>>. Acesso em: 26 out. 2020.
- CAMPANUDO, Maria José de Oliveira. **Representações dos professores sobre dificuldades de aprendizagem específicas.** 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação e Intervenção Comunitária) - Pós graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2009. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1424/1/dm_mariajos%c3%a9campanudo.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2020.
- CARARA, Mariane Lemos. **Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar.** Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos - Universidade do sul de Santa Catarina, p. 28, 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Mariane.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2020.

CARVALHO, F.B.D; CRENITTE, P.A.P; CIASCA, S.M. Distúrbios de aprendizagem na visão do professor. **Revista Psicopedagógica**. 2007. FCM/Unicamp, p. 11. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n75/v24n75a03.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CIASCA, S.M; ROSSINI, S.D.R. (2000). **Distúrbio de aprendizagem**: mudanças ou não? Correlação de dados de uma década de atendimento. *Temas de desenvolvimento*, 8 (48), 11-16.

COELHO, Diana Tereso. **Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. 2011. (Pedagogia), 2011. Disponível em: <<http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>>. Acesso em 30 out. 2020.

COELHO, M. T. . **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática S.A., 2009.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M.A.A. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. Cadernos CEDES nº 28, Campinas: Papirus, 1992, pp. 31-48.

COMIN, Márcia Terezinha Sacon. Problemas afetivos e de conduta em sala de aula. **Revista de Educação Ideau**, 2010. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai, p. 14. Disponível em: <<https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/ref/abnt>>. Acesso em: 25 out. 2020.

DOMINGOS, Gláusia S. **Dificuldade e transtorno de aprendizagem no processo de escolarização**: análise bibliográfica. 2018. 41 p. Monografia (Curso de Pedagogia) – Instituto de ciências humanas-ICHPO, Ituiutaba-MG, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28829/3/Diferen%c3%a7asDificuldadeTranstorno.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2020.

ERNEGAS, Andressa dos Santos Scalco. **Família e Aprendizagem**: como a dinâmica familiar interfere nos problemas de aprendizagem. 2012. 38 p. Monografia de Especialização em Pós Graduação em Educação (Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância- Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4678/1/MD_EDUMTE_I_2012_03.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

FERREIRA, Maria Domingos Alves. **Problemas de Aprendizagem**: conceitos, sintomas e tratamentos. 2014. 46 p. Monografia de Especialização (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira/PB, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4764/1/PDF%20-%20Maria%20Domingos%20Alves%20Ferreira.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2020.

FERREIRO, E. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo: RAE, v. 35, p. 20-29, maio/jun. 1995.

JESUS, Isabel Alipia de. **Dificuldades de aprendizagem: Causas e consequências do distúrbio.** 2008. 39 f. Monografia (Especialização em Supervisão Escolar) - Universidade Cândido Mendes - Instituto a vez do Mestre, São Luís, 2008. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/33093.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2020.

KLEIMAN, Angela B. “Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?” **Cefiel/ IEL/ Unicamp**, 2005-2010.

LARA, Eleana Maria Teixeira de. **Dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.** 51 f. Monografia (Especialização em psicopedagogia institucional) - Universidade Federal Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/472/Lara_Eleana_Maria_Teixeira_de.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 mai. 2020.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. **Lei nº 9394.** 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein>>. Acesso em : 10 nov. 2019.

LIMA, T.F.D; PESSOA, A.C.R.G. Dificuldade de aprendizagem: Principais abordagens terapêuticas discutidas em artigos publicados nas principais revistas indexadas no lilacs de fonoaudiologia no período de 2001 a 2005. 2007. **Revista CEFAC**, São Paulo, ano 2007, v. 9, n. 4, p. 8. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v9n4/04.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

LOPES, R. C. F. CRENITTE, P. A. P. Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem. **Revista CEFAC.** 2013 Set-Out. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n5/135-11.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LUNA, F. S; SILVA, R..A. **Psicogênese da língua escrita: O processo de ensino e aprendizagem de alfabetização no 1 ano do ensino fundamental.** 2013, 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins, 2013. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56174.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MENEGHETTI, Ana Cláudia Figueiredo; SOUZA, Fernanda. **Dificuldade de aprendizagem: Escola, Família e Comunidade como grandes aliados e formação do autoconhecimento.** Petrópolis, Rio de Janeiro, p. 12. 2012. Disponível em:<<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/TCC-Ana-Claudia-Figueiredo-Meneghetti.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

OLIVEIRA, Luana Ferreira Silva de. **Os distúrbios de aprendizagem numa abordagem psicopedagógica.** 41 f. Monografia (Pós-graduação *Lato Sensu* em psicopedagogia) -

Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre, Brasília, Distrito Federal, 2009. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posd_istancia/38323.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2020.

PETRONILO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. 54 f. Monografia (Especialização em Esporte Escolar) - Centro de Educação à distância de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6222123-Universidade-de-brasilia-ana-paula-da-silva-petronilo-dificuldade-de-aprendizagem-na-leitura-e-na-escrita.html>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PONÇADILHA, Jaila do Carmo Neves. **Disortografia: das concepções de professores e gestores às práticas pedagógicas e medidas educativas**. 2016. 53 p. Mestrado (Docência e Gestão da Educação, ramo Administração Escolar e Administração Educacional) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016. Disponível em:<https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5529/1/DM_Jaila%20Pon%C3%A7adilha.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

Revista de Educação Ideau, Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU, v. 5, ed. 10, p. 14. Disponível em:< https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/e4009326097b8ed3a056965fe86fc942206_1.pdf>. Acesso em 25 set. 2020.

SANTI, Paula Aparecida. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2004, 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso- Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2014. Disponível em:< <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2751/TCCULTIMAVERSAO1%20%281%29.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 nov.2019.

SEMKIV, S. I. A. L. SILVA, C. F. **Um estudo sobre dificuldades de aprendizagem na perspectiva da avaliação psicoeducacional num município de pequeno porte do Estado do Paraná**. 2013. 14 f. XI Congresso Nacional de Educação Educere, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, de 23 a 26/09/2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7657_5028.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SILVA, Jacineide Virgínia Borges Oliveira da. **Dificuldades na leitura e escrita**. 41 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Itabaiana, 2014. Disponível em:<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9445/1/PDF%20-%20JACINEIDE%20VIRG%C3%8DIA%20BORGES%20OLIVEIRA%20DA%20SILVA.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 26ª Reunião Anual da ANPED - **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização - Leitura e Escrita, Poços de Calda, Minas Gerais, 2003. 13 p. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SOARES. I. M. M. “**A Importância da Alfabetização nos Anos Iniciais**”. Trabalho apresentado a UFRN, Conclusão de Curso. 2º Ed. Natal: Editora da UFRN, Natal, 2016. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2256/1/A%20Import%C3%A2ncia%20da%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20nos%20Anos%20Iniciais.pdf>>

20da%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20nos%20Anos%20Iniciais.pdf>. Acesso em 25 mai. 2020.

SOUZA, Aniuzo Magalhães P. de. **Disgrafia:** causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem. 2015. 25 p. Monografia (Letras) – Universidade de Brasília/UNB, Buritis-MG, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17172/1/2015_AniuzoMagalhaes_tcc.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

SOUZA, Francisco Robson Graciano de. **O pedagogo e os distúrbios de aprendizagem-** Dislexia; discalculia; disgrafia; disortografia e a hiperatividade. 2017. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Macau, 2017. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/5764/3/O%20pedagogo%20e%20os%20dist%C3%barbios_Artigo_2017.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2020.

TABILE, A.F; JACOMETO, M.C.D. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. **Revista Psicopedagógica**. 2017. Rio Verde, MT, Brasil, ed. 34, p. 12. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/08.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

TEBEROSKY, A; COLOMER, T. **Aprender a ler e escrever:** uma proposta construtiva. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Comitê de Ética										
Submissão do projeto ao Comitê de Ética										
Coleta de dados						X	X			
Análise de dados							X	X		
Redação dos resultados e discussão								X		
Redação das considerações finais									X	
Elaboração do resumo									X	
Formatação e revisão textual									X	
Defesa da monografia										X

*** O mês de abril foi destinado ao recesso escolar, em decorrência da pandemia de Covid-19.**